

## SOBRE O PAPEL DO CONTATO LINGUÍSTICO NAS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Juanito Ornelas de Avelar*

Universidade Estadual de Campinas, Universidade de Estocolmo

**Resumo:** Este capítulo discute o papel do aporte africano na origem do português brasileiro, a partir da observação de fatos gramaticais estranhos ao português europeu, mas largamente identificados em variedades brasileiras e africanas da língua. O objetivo é associar essa convergência gramatical atestada no eixo África-Brasil a mudanças desencadeadas por contato, que produziram traços inovadores idênticos ou similares nos dois lados do Atlântico. Todos os fatos gramaticais aqui abordados envolvem propriedades da chamada *posição de sujeito* e vêm sendo apresentados na literatura como associados a mudanças no licenciamento de sujeitos nulos e/ou relacionados ao estatuto de *língua com proeminência de tópico* atribuído ao português brasileiro. A conclusão do capítulo é a de que existem razões fortes o suficiente para investir em uma agenda de investigação voltada às dinâmicas de contato interlinguístico no Brasil e na África na tentativa de elucidar importantes questões históricas sobre a formação do português brasileiro.

**Palavras-chave:** contato, mudança, português brasileiro, variedades africanas do português, posição de sujeito

### 1. Introdução

As discussões em torno da formação do português brasileiro (PB) têm sido permeadas pelo debate sobre quão relevantes terão sido os contatos interlinguísticos na emergência dos traços gramaticais que o diferenciam do português europeu (PE). As posições em torno do tema não são consensuais, opondo os defensores da *hipótese da deriva* e da *hipótese do contato* quanto ao papel desempenhado pelos aportes africano e ameríndio na história da língua.

Os seguidores da hipótese da deriva associam as características do PB a propriedades que estariam presentes no PE em alguns dos seus estágios históricos, ainda que de modo “latente” ou “marginal”. Entre os defensores dessa visão estão Naro & Scherre (2007), para quem “no português do Brasil inexistiu influência gramatical específica de qualquer língua africana, ou de língua de qualquer outra proveniência não portuguesa” (p. 182). Já em meados do século passado, Silva Neto (1977 [1950]) assevera que os fatos apresentados para justificar a influência indígena ou africana sobre o PB “não passava de interpretações sem base, fantasiosas ou precipitadas” (p. 91). Para esse autor, “não basta haver semelhança entre fenômenos de linguagem brasileira e outros das falas americanas ou africanas. É preciso demonstrar que não se trata de evoluções independentes, mas que há filiação entre eles” (p. 91). Na mesma linha, Tarallo (1993) se posiciona contra a ideia de o PB ser historicamente formado a partir de uma base crioula.

Em contraposição, os defensores da hipótese do contato argumentam que as dinâmicas de contato interlinguístico atuaram fortemente na emergência de propriedades do PB. O papel das línguas africanas, principalmente do grupo Bantu, tem recebido atenção especial nesse campo, dado que os africanos e afrodescendentes chegaram a compor a maioria da população em território brasileiro do século XVII ao XIX (Mussa 1991). As propostas em torno dessa hipótese não são consensuais quanto ao tipo de “ação” que o aporte africano teria desempenhado na fixação de inovações gramaticais. As alternativas vão desde a ideia de que tais propriedades resultam de um processo de (semi)crioulização (Guy 1981, 1989; Holm 1987, 1992) às que, embora reconheçam o protagonismo dos africanos, não o associam a tal processo. Entre os vários trabalhos que seguem esta segunda linha estão, por exemplo, os de Lucchesi (2009) e Lucchesi & Baxter (2009), que defendem ter o contato interlinguístico resultado em um “processo de transmissão irregular do tipo leve, que estaria na base da formação das atuais variedades populares do português do Brasil” (Lucchesi 2009: 71-72).<sup>1</sup>

Nos últimos anos, os estudos sobre variedades africanas do português têm mostrado a emergência de traços gramaticais estranhos ao PE, mas que são largamente encontrados no PB. Esses estudos são um ponto em favor da hipótese do contato, uma vez que as mudanças gramaticais atestadas na África vêm surgindo em contextos de aquisição de segunda língua (L2), configurando uma situação na qual os traços inovadores passam a fazer parte, em larga escala, do *input* linguístico para a aquisição do português como primeira língua (L1). Guardadas as diferenças quanto à constituição étnico-demográfica em cada lado do Atlântico, essa situação é provavelmente similar à que teve lugar nas muitas regiões do território brasileiro onde o contingente populacional africano era alto. A partir dessa perspectiva, Petter (2009:171-172) caracteriza o que chama de *continuum afro-brasileiro* do português, nos seguintes termos:

São tantas as semelhanças compartilhadas pelas três variedades de português [brasileira, angolana e moçambicana] nos três níveis de organização linguística selecionados (fonológico, lexical e morfossintático) que fica difícil defender que tais fatos sejam casuais, resultantes de uma deriva natural do português ou decorrentes da manutenção de formas antigas do PE. Por que as mesmas áreas da gramática do português foram “perturbadas”? A hipótese de que essas mudanças tenham sido introduzidas por falantes de línguas africanas, tanto na África quanto no Brasil, impõe-se de forma contundente, mesmo que se considere que no Brasil falantes de línguas indígenas e de outras línguas europeias tenham participado da constituição do PB.

O presente capítulo aborda um conjunto de particularidades do PB para verificar em que medida os traços gramaticais inovadores identificados em variedades africanas do português indicam estarmos diante de mudanças desencadeadas por contato. O estudo também irá observar a contraparte desses traços mencionada na literatura sobre as línguas Bantu, consensualmente apontadas como o grupo linguístico ao qual pertenciam as línguas faladas pela maioria dos africanos introduzidos no Brasil. Todos os fatos gramaticais aqui abordados envolvem propriedades da chamada *posição de sujeito* e vêm sendo apresentados na literatura como associados a mudanças no licenciamento de sujeitos nulos e/ou como estando relacionados ao estatuto de *língua com proeminência de tópico*, atribuído (não de forma consensual) ao PB, na esteira de trabalhos como os de Pontes (1987), Galves (1998) e Negrão (1999). A conclusão é a de que existem razões suficientemente fortes para investir em uma agenda de investigação focada na hipótese do contato dentro dos estudos históricos sobre o PB.

O capítulo é dividido da seguinte forma: na seção 2, são feitas breves considerações a respeito de possíveis linhas de argumentação para sustentar a hipótese do contato; as seções 3, 4 e 5 abordam os aspectos gramaticais que servirão de base para discutir o papel do contato interlinguístico na formação do PB; o trabalho é concluído na seção 6, com apontamentos gerais sobre possíveis intersecções entre a hipótese da deriva e a hipótese do contato. O capítulo não seguirá nenhum modelo teórico particular para análise gramatical ou para abordagens sobre contatos interlinguísticos, embora tangencie alguns aspectos formais da Teoria de Princípios e Parâmetros (mais especificamente o parâmetro *pro-drop*) ao citar propriedades da posição de sujeito.

## **2. Breves considerações sobre argumentos favoráveis à hipótese do contato**

Os aspectos linguísticos que serão tratados aqui, listados a seguir, têm sido relacionados a propriedades da posição de sujeito. Alguns desses aspectos também vêm sendo destacados em estudos sobre variedades africanas do português, muitas vezes destinados ao estabelecimento de contrastes com o PE:

- i. simplificação do paradigma verbo-flexional e mudanças relacionadas ao parâmetro pro-drop;
- ii. a presença de constituintes “inusitados” em posição de sujeito, em construções de inversão locativa, alçamento de possuidor e hiperalçamento;
- iii. interpretação existencial de orações com o verbo *ter*.

Antes de abordar esses aspectos, é importante mencionar três linhas argumentativas na defesa de o PB apresentar inovações gramaticais relacionadas ao aporte africano. Uma dessas linhas é de base histórico-demográfica, e as outras duas são estritamente linguísticas.

No âmbito histórico-demográfico, o fato relevante tem a ver com a configuração populacional em território brasileiro entre os séculos XVII e XIX. Os dados percentuais referentes à população do Brasil por etnia entre 1583 e 1890, apresentados a seguir, indicam que o total de africanos e afrodescendentes (negros brasileiros e mestiços), a partir do século XVII, nunca foi menor do que 50%.

	1583-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
<b>africanos</b>	20%	30%	20%	12%	2%
<b>negros brasileiros</b>	-	20%	21%	19%	13%
<b>mestiços</b>	-	10%	19%	34%	42%
<b>brancos brasileiros</b>	-	5%	10%	17%	24%
<b>européus</b>	30%	25%	22%	14%	17%
<b>índios integrados</b>	50%	10%	8%	4%	2%

Estimativa do contingente populacional em território brasileiro entre os séculos XVI e XIX.

Adaptado de Mussa (1991: 163)

Considerando esses dados, Mattos e Silva (2002: 456) propõe que as línguas gerais indígenas devem ser incluídas entre os “atores fundamentais” na formação do PB, junto ao português dos africanos e seus descendentes, bem como ao PE. Ela destaca, contudo, que “o principal elemento difusor do português no Brasil seria essa população de origem africana – segmento demográfico dominante no Brasil colonial”, ressaltando que tal população “teve de abdicar de suas línguas” e “adquiriu a língua de dominação, reformatando-a profundamente”. Mattos e Silva argumenta ainda que “o português dos africanos e o português europeu detêm o mesmo valor, não podendo ser tomados isoladamente como ponto de partida exclusivo”. Conforme destaca Clements (2014: 186), as informações acerca da configuração demográfica no Brasil colonial permitem assumir que o grande número de africanos e seus descendentes foi crucial para a introdução de novos traços gramaticais no português brasileiro vernáculo e, conseqüentemente, para a propagação desses traços entre a população como um todo.<sup>2</sup>

As outras duas linhas argumentativas, de base estritamente linguística, são (a) as coincidências entre o PB e as variedades africanas do português e (b) a existência de contrapartes paralelas a alguns desses traços em línguas Bantu. Na apresentação de cada um dos aspectos linguísticos a partir da próxima seção, essas duas linhas serão consideradas para dimensionar os efeitos do contato na emergência de inovações gramaticais.

Antes de avançar, vale mencionar uma questão relacionada à tentativa de depreender por quais meios os contatos interlinguísticos produzem mudanças gramaticais. Trazendo a questão para o caso do português, esses meios têm a ver com pelo menos duas situações, previamente discutidas em Avelar & Galves (2014): (a) transferência de padrões frásicos das línguas Bantu para o português adquirido como L2 pelos africanos e (b) inovações desencadeadas pela dificuldade em reproduzir, por parte dos africanos, as marcas da língua-alvo (idealmente o PE) quando da sua aquisição. Embora os dois casos produzam inovações

gramaticais, o termo *inovação* será aqui reservado para definir a segunda situação, enquanto a primeira será referida pelo termo *transferência*. Em um e outro caso, é necessário pressupor que as marcas do português falado como L2 pelos africanos penetraram no que foi sendo adquirido como L1 por seguidas gerações de brasileiros. Se esta visão estiver correta, essas mesmas marcas encontraram um cenário propício à sua difusão por entre as variedades de português que foram emergindo pelo território, de uma forma que ainda precisa ser melhor compreendida em termos geográficos, demográficos, históricos, sociais e culturais.

### 3. Simplificação do paradigma verbo-flexional e parâmetro pro-drop

A simplificação do paradigma verbo-flexional do PB tem um claro paralelo nas variedades africanas do português. Trabalhos como os de Lipski (2008) destacam exemplos como os apresentados em (1), que mostram a forma verbal da terceira pessoa do singular se generalizando para todas as demais no português angolano (PA). Dados como aqueles em (a)-(c) são amplamente detectados em variedades do PB. Já aqueles como (d)-(e), com a primeira pessoa do singular ocorrendo com verbos na terceira, são incomuns no PB, mas aparecem documentados em trabalhos sobre a fala de comunidades rurais isoladas, como Helvécia (cf. Lucchesi, Baxter & Silva 2009). Resultados como os apresentados em Inverno (2011), Brandão & Vieira (2012ab) e Vieira & Bazenga (2013) permitem traçar convergências e contrastes entre variedades africanas, brasileiras e europeias do português no que tange aos padrões de concordância, confirmando a existência de pontos comuns entre o PB e as variedades africanas quanto ao paradigma verbo-flexional.

- (1) Português angolano (Lispki 2008: 88)
- a. “Os home já *amarrou*”
  - b. “Hoje os tempo *tá* mudado”
  - c. “As tropa *vai* no mato e negro fica sozinho”
  - d. “[eu] *sabe* não”
  - e. “sim, eu *namorô*, mas já *dexô* muito tempo”

Na literatura sobre o PB, a simplificação do paradigma verbo-flexional tem sido associada a alterações no parâmetro pro-drop: em contraste com o PE, língua *canonicamente pro-drop*, o PB apresenta o estatuto de língua *parcialmente pro-drop*. Essa distinção tem a ver, *grosso modo*, com duas particularidades do PB: (i) as fortes restrições para o licenciamento de sujeitos nulos referenciais e (ii) o licenciamento de sujeitos nulos com referência indeterminada junto a verbos finitos na terceira pessoa do singular<sup>3</sup>. O contraste com o PE é exemplificado pela sentença com o verbo *vender* em (2a): essa sentença é interpretada como tendo um sujeito nulo referencial no PE, podendo assim ser parafraseada por (2b); no PB, em contraste, é naturalmente interpretada como tendo sujeito nulo indeterminado, como na parafrase em (2c)<sup>4</sup>.

- (2) a. Vende livros naquela loja.  
b. PE: Ele/Ela vende livros naquela loja.  
c. PB: Vendem livros naquela loja.

Quanto às variedades africanas, já há trabalhos com resultados de investigações que, embora preliminares, sinalizam para uma fixação pro-drop diferente da que se observa no PE (Oliveira 2016; Jon-And, Avelar & Álvarez-López 2017)<sup>5</sup>. Sobre o português moçambicano (PM), Oliveira (2016) analisa amostras do português falado como L2 em Maputo e detecta tendências em direção oposta ao PE. Tal como no PB, o PM-L2 exhibe sinais de simplificação do paradigma verbo-flexional, muito embora formas flexionais típicas do PE ainda estejam

presentes, como em *você falas* em lugar de *tu falas*. Seguindo a mesma metodologia empregada por Duarte (1995) para o estudo de sujeitos nulos no PB, Oliveira detecta uma taxa de 58% de sujeitos plenos no PM (contra 42% de sujeito nulos). Em comparação com os resultados obtidos por Duarte, essa taxa de sujeitos plenos é menor que a do PB (em torno de 70%), mas mais alta que a do PE (em torno de 40%).

Quanto ao PA, Jon-And, Avelar and Álvarez-López (2017) detectam sentenças como em (3) na variedade de Cabinda, entre falantes L1 e L2. Esses dados revelam a mesma tendência atestada entre aqueles apresentados em (1), com a flexão da terceira pessoa do singular sendo generalizada entre as demais. Os autores também detectam sentenças como as apresentadas em (4), em que a interpretação indeterminada para sujeitos nulos é desencadeada pela simples flexão do verbo na terceira pessoa do singular, o que também ocorre no PB. A mesma tendência é atestada por Oliveira (2016: 67) no PM-L2. Esses fatos indicam que, pelo menos em termos qualitativos, variedades do português na África vêm mostrando uma tendência tanto à simplificação do paradigma verbo-flexional quanto a um sistema pro-drop parcial, na direção do PB.<sup>6</sup>

- (3) Português angolano (Cabinda)
  - a. “tu pega” (C214)
  - b. “eles entra na escola” (C314).
  
- (4) Português angolano (Cabinda)
  - a. “lá não pode falar português” (em vez de “não podem” ou “não se pode”) (C322)
  - a. “na televisão fala em português” (em vez de “falam” ou “fala-se”) (Z24)
  - b. “...muito jeito que prepara o peixe” (em vez de “preparam” ou “se prepara”) (Z24)

Particularmente quanto à simplificação flexional, nos parece óbvio não se tratar de uma mudança por *transferência*, dado que a flexão verbal das línguas Bantu é morfologicamente tão ou mais rica que a do PE. Tudo indica que estamos diante, nesse caso, de uma *inovação* resultante da dificuldade de adquirir, via L2, o paradigma morfológico da língua-alvo, produzindo a redução flexional. Dessa perspectiva, o novo estatuto pro-drop pode, em um certo sentido, ser entendido como um mudança provocada por deriva, mas não de base românica ou portuguesa. Se for confirmada em estudos futuros, tal deriva parece ter sido produzida pela nova conformação tipológica assumida pela língua no Brasil, ou ainda em vias de produção nos países africanos aqui citados. É plausível supor, dessa perspectiva, que estejamos diante de mudanças atreladas a uma deriva em nova direção (ou seja, diferente da do PE), resultante dos efeitos provocados pelos contatos interlinguísticos envolvendo a aquisição do português como L2.

#### 4. A presença de constituintes “inusitados” em posição de sujeito

A literatura sobre o PB tem conhecido um número crescente de estudos sobre padrões fráscos que não são usuais no PE, nem em outras línguas românicas. Serão aqui abordados quatro desses padrões, que seguem exemplificados em (5a)-(8a), enquanto as suas respectivas versões *não inusitadas* são apresentadas em (5b)-(8b).

- (5) a. Aquelas ruas passam muito carro.  
b. Naquelas ruas passa muito carro.
  
- (6) a. Naquele hospital atende crianças mais velhas.  
b. Aquele hospital atende crianças mais velhas.

- (7) a. As janelas estão caindo o vidro.  
b. O vidro das janelas está caindo.
- (8) a. Essas crianças parecem que (elas) nunca vão pra escola.  
b. Parece que essas crianças nunca vão pra escola.

Em (5a), vemos um tipo de inversão na qual um termo com interpretação locativa em posição preverbal concorda com o verbo, em lugar do sujeito lógico da oração. Observemos que, na versão não inusitada (5b), o constituinte invertido preserva a preposição. Em (6a), vemos um caso em que, ao contrário de (5a), é o termo preposicionado com interpretação locativa que se encontra em posição preverbal, enquanto o mesmo termo aparece, na versão não inusitada, como um sintagma nominal sem preposição. Avelar (2006, 2009c) e Avelar & Cyrino (2008) apresentam argumentos para tratar o constituinte preposicionado preverbal em (6a) como alocado na posição de sujeito. Em (7a), temos um caso em que o constituinte interpretado como possuidor *as janelas*, participante de uma relação parte-todo com o termo posverbal *o vidro*, aparece em posição preverbal e concorda com o verbo. Na versão não inusitada (7b), os dois membros da relação parte-todo, nucleada por *vidro*, vão para a posição de sujeito. Por fim, vemos em (8a) um exemplo de *hiperalçamento*, em que o sujeito da oração completiva finita de *parecer* é realizado na posição de sujeito da oração matriz, com a possibilidade de um pronome correferente ao constituinte alçado ser realizado na posição de sujeito da oração encaixada. Na versão não inusitada em (8b), o sujeito da oração encaixada se encontra no que seria seu lócus natural, na posição de sujeito dessa oração.

Como será mostrado adiante, há pelo menos dois fatos que justificam tratar a alocação de constituintes inusitados em posição de sujeito como fruto de mudanças desencadeadas por contato. Um deles diz respeito à identificação desses mesmos padrões frásicos em variedades africanas do português. O outro envolve um claro paralelismo com construções encontradas em línguas do grupo Bantu.

Ainda não é claro, contudo, em que medida é possível associar esse conjunto de fatos ao estatuto pro-drop, já que dizem respeito a propriedades da posição de sujeito (cf. Avelar & Galves 2016 para mais discussões). Não há aqui espaço para tratar essa questão, mas, especificamente sobre os locativos, Alexiadou & Carvalho (2017) procuram situar as construções relevantes no conjunto de propriedades atribuídas às línguas pro-drop parcial.

#### 4.1 Locativos em posição de sujeito

Os trabalhos de Avelar & Galves (2011, 2013, 2014, 2016) discutem padrões frásicos como os exemplificados em (3a) e (4a), a partir de exemplos extraídos de blogues e páginas afins da internet publicados no Brasil. Alguns desses dados são reproduzidos em (9) e (10) a seguir, respectivamente.<sup>7</sup>

- (9) a. “no interior de SP e do Rio, *algumas cidades* nevam”  
b. “em geral, *os capacetes mais baratos* são barulhentos e entram vento”  
c. “*algumas concessionárias* tão caindo o preço [do carro]”  
d. “*algumas folhas [da orquídea]* apareceram uma mancha amarelada”  
(Avelar & Galves 2013: exemplos 4, 7, 8 e 14)
- (10) a. “*neste livro* contem normas de formatação”<sup>8</sup>  
b. “*nesta casa* comporta bem em torno de seis pessoas”<sup>9</sup>  
c. “*no meu computador* imprime a etiqueta corretamente”  
d. “*no meu carro* faz esse barulho de tuchos hidráulicos”  
(Avelar & Galves 2013: exemplos 23 e 31)

Em um estudo publicado originalmente em 1957, intitulado *Erros de escolares como sintomas de tendências no português do Rio de Janeiro*, Mattoso Câmara Jr. analisa ocorrências de locativos preposicionados em concordância com o verbo, como em (11) a seguir. Esse dado reúne propriedades do padrão frásico em (9), em que o sintagma nominal locativo na posição de sujeito concorda com o verbo, e daquele em (10), no qual o termo em posição de sujeito é preposicionado. A detecção de dados desse tipo já em meados do século XX enterra qualquer intenção de caracterizar a referida inovação como uma mudança recente do PB. A esse respeito, Avelar (a sair) apresenta dados extraídos de anúncios publicados em jornais do século XIX que permitem atestar a variação entre constituintes locativos preposicionados e não-preposicionados em posição de sujeito já naquele período, confirmando não se tratar de uma inovação desencadeada recentemente.

(11) “nas duas margens crescem relva abundante” (Mattoso Câmara Jr. 1972 [1957]: 45)

Os dados em (12)-(14) a seguir ilustram sentenças do mesmo tipo em línguas Bantu: observemos que o constituinte locativo preverbal, que traz a marca de classes nominais locativas, desencadeia a concordância com a flexão verbal no lugar do sujeito lógico, posposto ao verbo.<sup>10</sup>

(12) OTJIHERERO (Marten 2006: 98)  
*mò-ngàndá mw-á-hití òvá-ndu*  
18-9.casa C18-PRF-entra 2-pessoa  
‘Dentro da casa entram (os) convidados.’  
Lit.: ‘A casa entra gente.’

(13) ZULU (Buell 2004: 3)  
*I-sikole si-fund-el-a a-bantwana*  
7-7.escola C7-estudar-APL-VF 2-2.criança  
‘Na escola estudam as crianças.’  
Lit.: ‘A escola estuda criança.’

(14) QUIMBUNDO (Avelar & Galves 2016: 244)  
*Mu njibela muala ni kitadi?*  
18 bolso C18-estar com dinheiro  
‘No bolso há dinheiro?’  
Lit.: ‘O bolso está com dinheiro?’

O quimbundo, ao qual pertence o exemplo (14), é apontado, ao lado do quicongo e do umbundo, como a língua materna da maioria dos africanos trazidos ao Brasil. A *Grammatica Elementar do Kimbundo ou Língua de Angola* (Heli Chatelain, 1888/89) destaca o seguinte: “quando, por inversão, o locativo acontece preceder o verbo, este concorda com ele, tomando-o como prefixo. Na inversão, o sujeito lógico perde toda influência sobre o verbo, de modo que não importa a qual cl[asse] sing[ular] ou pl[ural] o sujeito pertença, comtanto que seja de 3ª pessoa” (p. 89). Essa regra pode ser facilmente estendida às sentenças com inversão locativa do PB, exemplificadas em (9) e (11).

Um ponto que merece atenção entre os dados das línguas Bantu concerne ao estatuto categorial do constituinte concordante com o verbo na inversão locativa: são sintagmas nominais preposicionados ou não-preposicionados? Essa questão é relevante por estarmos lidando com dois padrões de alocação de constituintes locativos em posição de sujeito no PB: um com sintagmas nominais sem preposição, exemplificado em (9), e outro com constituintes

nominais preposicionados (geralmente, uma expressão referencial que equivale ao argumento do verbo), como em (10). A esse respeito, vale mencionar os trabalhos de Gonçalves & Chimbutane (2004) e Gonçalves (2010), que abordam constituintes preposicionados em posição de sujeito no PM, em correlação com estruturas similares no changana, língua Bantu falada como L1 por parte da população de Maputo.

Gonçalves (2010), em particular, apresenta dados como aqueles em (15) para mostrar a ocorrência de constituintes preposicionados em posição de sujeito no PM. A autora observa que o mesmo padrão é licenciado em changana, conforme exemplificado em (16), onde vemos o termo *kerek-eni* (lit. ‘na igreja’) em posição de sujeito.

(15) Português moçambicano (Gonçalves 2010: 143, 149, 157, 160)

a. “*na minha casa é perto da estrada*”

b. “*no centro dele é aqui*”

c. “*na nossa zona era fértil*”

d. “*em casa dele é aqui em frente*”

(16) CHANGANA (Gonçalves 2010: 134)

*Kerek-eni ku-tsongo k-a hina ku-sasek-ile*

17igreja-LOC 17-pequeno 17-GEN nós 17-bonita

‘A nossa pequena igreja é bonita.’

Lit.: ‘Em igreja pequena de nós é bonita.’

Em (16), o item *eni* não é, segundo Gonçalves (2010), uma adposição, mas um afixo de interpretação locativa interno ao constituinte nominal. A autora apresenta evidências para mostrar que *kerek-eni* não é um constituinte adposicionado, mas um nominal simples com interpretação locativa que pode ser licenciado na posição tanto de sujeito quanto de complementos diretos. Esse padrão do changana foi, de acordo com Gonçalves (2010), transferido para o português emergente em Maputo, com a preposição *em* sendo reanalisada como a contraparte de *eni* em português (ou seja, *em* foi reanalisado, no PM, como um item que pode ser interno ao sintagma nominal, perdendo o estatuto exclusivo de preposição). Isso implica assumir que os termos introduzidos por *em* apresentados em (15) são sintagmas nominais não-preposicionados, daí o seu licenciamento na posição de sujeito. Reanálises do mesmo tipo também têm lugar no PA, como mostrado em Avelar (2017) e Avelar e Álvarez-López (a sair) a partir das considerações apresentadas em Mingas (2000:76) sobre o português falado em Luanda, em contato com o quimbundo.

Em Avelar (2017), é discutido se a análise de Gonçalves (2010) pode ser estendida ao PB. Não há aqui espaço para avançar nesse ponto, mas é plausível considerar que, no PB, a alternância entre a ausência e a presença de *em* junto a sintagmas com interpretação locativa em posição de sujeito remonte, em termos históricos, às mesmas causas apresentadas para as inovações atestadas no PM e no PA. Se esta hipótese estiver correta, a falta de clareza, no processo de aquisição L2, quanto ao estatuto de morfemas locativos como *em* também marcou a aquisição do português pelos africanos introduzidos como escravos no Brasil, o que levou a produção tanto dos padrões frásicos exemplificados em (9) como aqueles em (10), com a consequente variação no uso da preposição. Esses dados fizeram parte do input das subsequentes gerações de indivíduos que, ao adquirir o português como L1, foram responsáveis pela nativização da língua em território brasileiro. Como destacado em Avelar (2017), ainda não é claro como podemos captar formalmente as propriedades de *em* e dos constituintes locativos no PB contemporâneo, mas, diante dos fatos apresentados, não há margem para a dúvida de que a variação relevante nos padrões frásicos em questão é, em

termos históricos, melhor explicada à luz da hipótese do contato do que pela hipótese de ter se originado de um deriva românica ou portuguesa.

#### 4.2 Alçamento de possuidor com estabelecimento de concordância

Gonçalves (2010) também destaca casos de alçamento de possuidor no PM como em (17) a seguir. Padrões do mesmo tipo vêm sendo largamente discutidos na literatura sobre o PB, com a análise de dados como os apresentados em (18), abordados em Avelar & Galves (2013, 2016) a partir de exemplos coletados da internet (ver nota 7).

- (17) Português moçambicano (Gonçalves 2010)  
a. “Ela nasceu dois filhos na Suazilândia.”  
b. “Os olhos saíram lágrimas.”
- (18) a. “as paredes tão caindo o reboco”  
b. “sonhei que estava em minha casa e ela estava incendiando o telhado”  
c. “até hoje eu tô doendo o pescoço de dançar aquela dança miserável”  
d. “os carros acabaram a gasolina no meio da viagem”  
(Avelar & Galves 2013: exemplos 38, 42, 44 e 45)

No que tange às línguas Bantu, os estudos sobre alçamento de possuidor não são tão sistemáticos quanto aqueles sobre inversão locativa, mas há vários trabalhos que registram a existência dessas construções em línguas do grupo, como em (19)-(21).

- (19) HAIA (Hyman 1977 apud Simango 2007: exemplo 24)  
*Omwaana n-aa-shaash’ omutwe*  
criança PRS-ele-doer cabeça  
‘A criança tem dor de cabeça.’  
Lit.: ‘A criança está doendo a cabeça.’
- (20) CHICHEWA (Simango 2007: exemplo 23)  
*Mavuto a-na-f-a maso*  
Mavuto C-PRF-morrer-VF olhos  
‘Mavuto ficou cego.’  
Lit.: ‘Mavuto morreu os olhos.’
- (21) SWAHILI (Keach & Rochemont 1994: 83)  
*mtoto a-li-funik-wa miguu*  
1child C1-PRF-cobrir-PASS 4legs  
‘A perna da criança foi coberta.’  
Lit.: ‘A criança foi coberta as pernas.’

Cabe aqui ressaltar um equívoco que tem marcado o tratamento dessas sentenças no PB. Na demarcação dos contrastes com o PE, é comum considerar que a oposição está no mero alçamento do possuidor. Esse não é, contudo, o contraste relevante: a realização do possuidor em posição preverbal também tem sido detectada na variedade europeia, mas o diferencial está na possibilidade de, no PB (mas não no PE), o elemento alçado concordar com o verbo, a despeito de não ser seu argumento (ver Costa 2010). Isso revela que a inovação por trás do alçamento de possuidor é, a rigor, da mesma natureza que a atestada nas sentenças com inversão locativa apresentadas na seção anterior, em que o sintagma locativo perde a preposição e estabelece concordância com o verbo, mesmo não sendo seu argumento externo.

Ainda assim, apesar de o PE apresentar casos que podem ser analisados como instâncias de alçamento de possuidor para a posição de sujeito junto a certos verbos (como *quebrar* e *cortar* em sentenças como *O menino quebrou/cortou o dedo*), não há razões suficientemente fortes para crer que o padrão frásico relevante identificado no PB tenha filiação na variedade europeia. O conjunto de casos possíveis no PB abrange uma gama variada de itens verbais (ao contrário do que vemos no PE) e sua larga produtividade não têm, até onde sabemos, paralelo em nenhuma outra língua românica.

### 4.3 Hiperálçamento

Ainda não há estudos sistemáticos voltados a sentenças com hiperálçamento em variedades africanas do português, mas é possível encontrar construções desse tipo entre dados de Angola e Moçambique. As sentenças em (22) e (23) a seguir, por exemplo, aparecem em textos escritos por angolanos e moçambicanos, respectivamente.

- (22) a. “Eles parecem que têm um dom de pegarem em mim e me levarem para outros lugares” (Trecho de entrevista da arquiteta angolana Luaia Gomes Pereira)<sup>11</sup>  
b. “[...] os nomes parecem que fazem em mim uma noite que sobe com agulhas as minhas artérias” (Trecho de poesia do escritor angolano Adriano Botelho de Vasconcelos, publicada em *Tábua* – Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2003, p. 102)
- (23) “elas [as eleições moçambicanas] pareciam que ocorreriam de formas justas e transparentes” (Trecho de texto escrito pelo estudante moçambicano Augusto José Wayla)<sup>12</sup>

Entre falantes nativos do PE, não há clareza quanto aos juízos de (a)gramaticalidade sobre certas construções de hiperálçamento (ver Costa 2010). Há, contudo, trabalhos que derivam contrastes relevantes entre PB e PE levando em conta que o hiperálçamento não produz construções bem formadas no PE (ver Nunes & Martins 2010, Avelar & Galves 2011, 2016). A esse respeito, é importante deixar claro que, ao contrário do que ocorre entre os portugueses, não há margem para dúvida quanto à boa formação dessas construções no PB, inclusive diante de casos que envolvem não o alçamento do argumento externo da oração encaixada, mas constituintes associados a outras posições, como exemplificados em (24).

- (24) a. “por que algumas pessoas parecem que o cabelo cresce muito mais rápido do que outras?”<sup>13</sup>  
b. “por que algumas pessoas que engordam após o procedimento parecem que a gordura voltou?”<sup>14</sup>  
c. “aqueles movimentos parecem que o avião irá se estraçalhar, mas a verdade é que uma turbulência dificilmente causa um acidente aéreo”<sup>15</sup>  
d. “algumas aí ficaram parecendo que o maquiador tava com preguiça de maquiá”<sup>16</sup>

O que reforça a hipótese do hiperálçamento ser, no PB e nas variedades africanas, um desdobramento dos efeitos de contato é o fato de tais construções serem licenciadas em línguas Bantu, como no exemplo a seguir. Conforme ressaltado por Carstens (2011), construções de hiperálçamento são sistematicamente agramaticais em línguas indo-europeias, mas bem formadas em Bantu.

- (25) LUBUKUSU (Carstens 2011: 725)  
*Chisaang'i chi-lolekhana chi-kona*  
10.animal C10-parecer C10-dormir.PRS  
'Os animais parecem que estão dormindo.'

Não é claro, contudo, se estamos diante de um caso de *transferência* para as novas variedades do português ou se é um efeito naturalmente desencadeado por outra(s) mudança(s) (por exemplo, a simplificação do paradigma verbo-flexional) que teria(m) introduzido, via contato, uma deriva distinta da portuguesa ou da românica nessas novas variedades. Para responder a questão, é necessário tanto ampliar a observação do fenômeno nas variedades africanas quanto desenvolver comparações mais sistemáticas entre tais variedades e o que se encontra nas línguas Bantu, bem como apurar o que está por trás dos casos marginais de hiperlçamento no PE.

### 5. O uso de *ter* como o verbo existencial canônico

Tanto no PA quanto no PM, *ter* é largamente empregado como verbo existencial, em contraste com o PE. Resultados de estudos variacionistas recentes (Oliveira 2016 para o PM; Jon-And, Avelar & Álvarez-López (2017) e Avelar & Álvarez-López (a sair) para o PA) indicam que *ter* é mais frequente do que *haver* em tais variedades, da mesma forma que no PB. O exemplo abaixo mostra a variação entre os dois verbos produzidos em um mesmo trecho de fala por um angolano.

- (26) Português angolano (Jon-And *et al* 2017: example 1)  
“*tem* pessoas lá que entendem o português [...], mas *há* quem não entende nada mesmo”

Na variedade falada em Cabinda (Angola), Jon-And *et al.* (2017) atestam as mesmas taxas de frequência apresentadas por Callou & Avelar (2002) para a fala carioca (76% para *ter*, contra 24% para *haver*), além dos mesmos fatores condicionadores da variação: tempo verbal (*haver* atinge suas maiores taxas de frequência em orações no pretérito perfeito do indicativo de ambas as variedades) e especificidade semântica do argumento interno (as ocorrências de *haver* são menos frequentes quando o argumento interno é do tipo [+material animado] e [+material inanimado], respectivamente como em (27a) e (27b), do que entre os casos em que é [+imaterial], como em (27c)).

- (27) a. Na floresta tinha/havia muitos animais.  
b. Tem/Há dinheiro dentro da carteira.  
c. Tem/há chance de chover hoje.

Jon-And *et al.* (2017) e Avelar & Álvarez-López (a sair) discutem duas hipóteses sobre *ter* como existencial no PA: (i) a de que as sentenças com *ter* passaram a veicular o valor existencial em função de possíveis alterações em curso no parâmetro pro-drop e (ii) a de que *ter* acumulou as funções de possessivo e existencial como resultado da transferência de uma propriedade léxico-sintática das línguas Bantu para o português.

A primeira dessas hipóteses foi aventada anteriormente por Avelar (2009ab) e Marins (2012, 2013) para o PB: em função da alteração no estatuto pro-drop, estruturas possessivas com sujeito nulo passam a receber uma interpretação existencial. Essa propriedade teria emergido como resultado do processo previamente abordado na seção 3, em torno do dado apresentado em (2). A mesma propriedade se estende para casos com *ter*, como em (28): a frase com sujeito nulo em (a) normalmente recebe, no PB, a mesma interpretação atribuída às

sentenças com *haver*, ao passo que o PE preserva a interpretação possessiva, que requer, nesse caso, o licenciamento de sujeito nulo referencial.

- (28) a. Tem livros na mochila.  
b. PB: Há livros na mochila.  
c. PE: Ele/Ela tem livros na mochila.

Avelar (a sair) chama a atenção, contudo, para o fato de que, por si só, a alteração relativa ao parâmetro pro-drop não explica a reanálise de *ter* como existencial. Observando dados do PB novecentista extraídos de anúncios de jornais, foi possível observar que os primeiros registros de *ter* como existencial traziam, em 60% dos casos levantados, um sintagma preposicionado locativo em posição de sujeito, como em (29) a seguir. Entre os casos com *haver*, esse percentual não ultrapassa os 15%.

- (29) PB novecentista (Avelar a sair: exemplos em (108))  
a. “*Na primeira Prença tem* farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro”  
b. “*na casa tem* muito commodo”  
c. “*na mesma Loje tem* para vender sapatos Francezes para homem...”

A partir de trabalhos como o de Freeze (1992) sobre paradigmas locativos nas línguas naturais, é possível sustentar a seguinte hipótese: *ter* passou a receber o valor existencial a partir do momento em que estruturas possessivas com esse verbo passaram a admitir constituintes locativos preposicionados e/ou adverbiais em posição de sujeito. Essa é uma consequência natural do que parece ser uma propriedade universal do paradigma ao qual pertencem as construções possessivas e existenciais: tal como ressaltado por Freeze, verbos copulativos admitem uma leitura existencial quando permitem constituintes inerentemente locativos em posição de sujeito. Explorando a ideia de que verbos possessivos são intrinsecamente copulativos (por trazerem traços de um verbo copular abstrato em sua composição interna<sup>17</sup>), é possível explicar por que o verbo *ter*, naturalmente possessivo, passou a ser interpretado como existencial em estruturas como as apontadas em (29) acima (cf. Avelar 2009ab).

Se esta análise estiver correta, a emergência de *ter* como o existencial canônico do PB deriva de dois fatores: as restrições sobre o licenciamento de sujeitos nulos referenciais, atreladas ao estatuto pro-drop parcial, e a possibilidade de inserção de constituintes locativos preposicionados em posição de sujeito. Jon-And *et al.* (2017) observam que a mesma explicação pode ser estendida aos fatos do PA: como já mostrado na seção 3, há sinais de que essa variedade do português também caminha para o estatuto *pro-drop* parcial, em função de alterações no seu paradigma verbo-flexional. Além disso, a presença de constituintes locativos em posição preverbal é, segundo os autores, um dos fatores que favorecem a ocorrência de *ter* no PA: do total de orações existenciais com locativos em posição preverbal recolhidas pelos autores na amostra de Cabinda, 85% são com *ter*, o que mostra a mesma tendência atestada por Avelar (a sair) em dados do PB novecentista.

Tendo esses fatos em vista, a emergência de *ter* como o verbo existencial canônico no PB e no PA poderia ser analisada como o resultado da confluência de dois tipos de mudança por contato: a inovação no sistema pro-drop, desencadeada pela simplificação do paradigma flexional, e a possibilidade de inserção de constituintes inerentemente locativos em posição de sujeito, provavelmente produzida pela transferência de uma propriedade gramatical generalizada entre as línguas Bantu. Se esta visão estiver correta, o estatuto existencial de *ter* pode ser analisado como resultante de uma nova deriva linguística (ou seja, diferente da portuguesa ou da românica), promovida por mudanças desencadeadas por contato.

Avelar & Álvarez-López (a sair) chamam a atenção, contudo, para o fato de que, mesmo diante desse quadro, não se pode descartar uma outra hipótese a respeito do uso existencial de *ter*: a de que o PA “imita” as línguas Bantu quanto à identidade dos verbos possessivos e existenciais. Em quicongo, por exemplo, não há construções intrinsecamente possessivas e existenciais, mas estruturas com a cópula *kala* ‘ser, estar’ que servem à expressão de posse e existência, como nos exemplos em (a)-(b) de (30) a seguir, respectivamente.<sup>18</sup>

(30) QUICONGO (Quiala 2013: 136)<sup>19</sup>

- a. *Ngeye una ye mwana*  
you 2SG.estar com filho  
‘Você tem um filho.’  
Lit.: ‘Você está com filho.’
- b. *Munzo ya Nzambi muna bantu baying*  
18.casa GEN Deus C18.estar.PRS pessoas muito  
‘Há/Tem muitas pessoas na igreja.’  
Lit.: ‘(N)a igreja está muitas pessoas.’

Em (30a), a preposição *ye* ‘com’ é usada junto ao verbo copular (realizado como *-na* no presente do indicativo) para formar a sentença possessiva. A mesma cópula é empregada na existencial em (30b), com o locativo *munzo ya Nzambi* ‘(n)a igreja’, em concordância com o verbo. Vemos, portanto, um paralelismo estrutural entre as construções possessivas e existenciais em quicongo (o que também vale para outras línguas Bantu), com a cópula sendo usada em ambas as construções, e um constituinte locativo inserido na posição de sujeito da existencial. Esse mesmo padrão de construções existenciais identificado no quicongo, que “imita” a estrutura possessiva, pode estar na base da interpretação existencial atribuída às construções com *ter* no português de Cabinda, o que poderia explicar, por exemplo, o fato de a maioria absoluta das orações existenciais com locativo em posição preverbal ser, no PA, realizada com esse verbo. Nesse caso, a mudança em questão passa a ser melhor analisada como resultante de *transferência*, com o paralelismo possessivo-existencial atestado nas línguas Bantu sendo reproduzido no português.

Essa hipótese alternativa também pode ser estendida à história do PB, tendo em vista os fatos apresentados em Avelar (a sair) em torno dos locativos nas existenciais com *ter* em dados brasileiros do século XIX (cf. sentenças em (29)). Uma evidência favorável à hipótese de que as existenciais do PB “imitam” a estrutura das possessivas tal como nas línguas Bantu está em dados como os que se seguem, em que a locução possessiva *estar com* é usada para construir orações existenciais.

- (31) a. “aqui *na cidade tá com* monte de mulher de cabelo laranja. Acho que as mulheres n entendem q ruivo só fica bonito se for natural”  
b. “*no avião tá com* novas telas que tem acesso a wi-fi”  
c. “*lá em casa tá com* internet agora, de vez em quando de noite eu entro”  
d. “comecei a filmar com meu cel, mas *dentro do carro tava com* pouca luz, o vídeo não tava mto bom, entao fomos pra fora do carro”  
e. “meu pai foi fritar o bife e *na panela tava com* açúcar e ele pensava que era gordura”  
f. “*aqui no quintal tá com* um enxame de abelhas”  
(Avelar a sair: exemplos (42))

Esses dados, extraídos de textos informais publicados em blogs brasileiros e discutidos previamente em Avelar (a sair), trazem um locativo preposicionado em posição preverbal que pode ser facilmente convertido em um sintagma nominal não-preposicionado e funcionar como o sujeito de uma oração tipicamente possessiva com *estar com*. Esse padrão é um caso claro em que a expressão existencial reproduz a estrutura possessiva, tal como nas línguas Bantu.

Não se pode descartar, por fim, que os dois tipos de mudança desencadeada por contato (por *transferência* e por simples *inovação* resultante da simplificação verbo-flexional na aquisição L2) tenham simultaneamente entrado em jogo na emergência das existenciais com *ter* em ambos os lados do Atlântico. O paralelismo estrutural entre posse e existência nas línguas Bantu (que, a rigor, envolve a inversão locativa) pode ter facilitado ou catalisado o resultado das pressões promovidas pelo enfraquecimento da concordância, que alterou (no caso do PB) ou vem alterando (no caso das variedades africanas) as propriedades da posição de sujeito no que tange ao licenciamento de sujeitos nulos.

## 6. Conclusão

Este capítulo apresentou argumentos para a hipótese de que as propriedades da posição de sujeito do português brasileiro tiveram origem em mudanças desencadeadas por contato, mais precisamente por inovações produzidas pela aquisição do português como L2 pelos milhões de africanos introduzidos como escravos no Brasil. A identificação desses mesmos traços em variedades do português hoje emergentes na África, em particular entre falantes nativos de línguas Bantu, corroboram a hipótese de estarmos diante de alterações provocadas por contato interlinguístico e não por uma deriva de base românica ou portuguesa.

Para algumas das mudanças observadas, não é claro se resultam da transferência de propriedades das línguas Bantu ou se consistem em inovações desencadeadas pela dificuldade de aquisição de certos traços do português. Em um e outro caso, as mudanças resultantes via aquisição L2 compuseram (no caso do PB) ou vêm compondo (no caso das variedades africanas) o *input* que serviu/serve de base à aquisição L1 da língua. A redução do paradigma verbo-flexional e suas consequências sobre a interpretação de sujeitos nulos são, certamente, uma mudança do segundo tipo, enquanto os padrões frásicos que trazem elementos inusitados em posição de sujeito mostram sinais de terem sido desencadeados por *transferência*, dada a existência de contrapartes estruturalmente idênticas (ou muito semelhantes) dessas construções nas línguas Bantu. A emergência de *ter* como verbo licenciado em construções existenciais pode, por sua vez, resultar da confluência dos dois tipos de mudança, atestada sob as mesmas condições em ambos os lados do Atlântico. Não se pode, ainda, descartar que o PB passou a abrigar uma nova deriva natural sob pressão dos contatos interlinguísticos, o que também pode estar na base de algumas das inovações observadas (por exemplo, o estatuto pro-drop parcial e, com menor probabilidade, as construções de hiperalçamento).

Outras mudanças poderiam ser acrescentadas aos casos observados, como as inovações no uso de preposições junto a complementos direcionais e termos dativos (Gonçalves & Chimbutane 2004, Oliveira 2005, Lucchesi & Mello 2009, Gonçalves 2010, R. Gonçalves 2010, Avelar 2017), generalização de formas pronominais nominativas em posições acusativas e oblíquas (Avelar & Galves 2014), variação na marca morfológica de número em sintagmas nominais (Jon-And 2011, Brandão 2013, Baxter 2009), novas estratégias gramaticais de impessoalização (Negrão & Viotti 2008, 2014), entre outros. O fato de esse conjunto de mudanças aparecer em variedades africanas e brasileiras do português, em claro contraste com o PE, não deixam dúvida quanto à relevância do aporte africano no estabelecimento do *continuum afro-brasileiro* do português, mencionado na introdução do capítulo.

Os estudos sobre o papel do contato na formação do PB também precisam se debruçar sobre o aporte ameríndio, já que as inovações não desencadeadas por transferência (como a simplificação do paradigma verbo-flexional) podem ter tido, na sua origem, a participação dos falantes nativos de línguas indígenas. Estudos como o de Lobato (2006) são um bom ponto de partida para inspirar a produção de trabalhos nessa linha. Da mesma forma, trabalhos sobre afro-comunidades rurais isoladas podem lançar luz sobre as origens do PB, uma vez que mostram ter preservado aspectos gramaticais inovadores possivelmente remontantes aos primeiros estágios dos contatos interlinguísticos e podem, com isso, revelar efeitos que não são tão visíveis no PB contemporâneo (Mello 2014). Esse é o caso, por exemplo, de investigações em torno de comunidades como Cafundó/São Paulo (Vogt & Fry 1996, Álvarez-López & Jon-And 2017), Calunga/Minas Gerais (Byrd 2012), Helvécia/Bahia (Lucchesi, Baxter & Ribeiro 2009), Jurussaca/Pará (Oliveira *et al.* 2015), Moquéim/Alagoas (Moura 2009, Avelar 2012) e Tabatinga/Minas Gerais (Queiroz 1998, Petter 2015). Na mesma linha, estudos como os publicados em Oliveira & Lobo (2009), a partir de documentos escritos em português no século XIX por africanos e afrodescendentes no Brasil (Oliveira 2006), permitem identificar uma série de inovações possivelmente produzidas pela aquisição do português como L2.

Para concluir, é importante destacar que, mesmo entre os defensores da hipótese de o PB ter origem em uma deriva exclusivamente portuguesa ou românica, há o reconhecimento de que os efeitos de contato não podem ser descartados na explicação dos fatos relevantes. Naro & Scherre (2007: 182), por exemplo, afirmam que “o que aqui aconteceu foi uma ação conjunta das forças genéticas com as de contato”, estas últimas sendo, segundo os autores, responsáveis por uma “catálise” que teria induzido a “variação herdada através da via genética”. Já Silva Neto (1977 [1950]: 97), contrário à ideia de as línguas africanas e indígenas terem influenciado o PB, salienta que existem “cicatrices da tosca aprendizagem que da língua portuguesa, por causa da sua mísera condição social, fizeram os negros e os índios”.

É importante ter em mente que as hipóteses do contato e da deriva não são excludentes, podendo ser exploradas em conjunto na tentativa de explicar a complexa formação do PB. Entre as propostas representativas dessa via, se destacam as de Pagotto (2007) e Galves (2012). Nesse sentido, ao revisar criticamente trabalhos como os de Tarallo (1993), que se posiciona radicalmente contra a ideia de o PB ter origem crioula (hipótese atualmente pouco aceita entre os contatistas), Pagotto (2007:479) destaca que “mais importante é explicar de que maneira as propriedades gramaticais encontradas no português do Brasil podem estar historicamente ligadas a uma origem crioula e analisar por que frestas no sistema tais propriedades penetraram”. E conclui, afirmando que “isto faz do português do Brasil um caso raro e bastante especial para os estudos linguísticos: somos um pouco de tudo, frutos de um processo histórico que ainda está por explicar”.

## Lista de índices e abreviações utilizados em glosas:

1, 2, 3... *n*: afixos indicativos de classes nominais e/ou marcas de concordância  
APL: aplicativo  
C: concordância  
GEN: genitivo  
LOC: locativo  
PASS: passivo  
PRS: presente  
PRF: passado/pretérito perfeito  
SG: singular  
VF: vogal final

## Referências

- ALEXIADOU, Artemis; CARVALHO, Janayna. The role of locatives in (partial) pro-drop languages. In: SHEEHAN, Michelle; BAILEY, Laura R. (eds.) *Order and structure in syntax II: subjecthood and argument structure*. Berlin: Language Science Press, 2017, 41-67.
- ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura; JON-AND, Anna. “Afro-Brazilian Cupópia: lexical and morphosyntactic features of a lexically driven in-group code”. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 32(1), 2017, 75-103.
- \_\_\_\_\_; PARKVALL, Mikael. “Português vernáculo brasileiro e a hipótese da semi-crioulização”. *Revista da ABRALIN*, 2(1), 2003, 111-152.
- ANDRADE, Aroldo; GALVES, Charlotte. “A unified analysis for subject topics in Brazilian Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics*, 13, 2014, 117-147.
- ARAÚJO, Paulo Jeferson P. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. São Paulo, 2013. Tese de Doutorado – FFLCH, Universidade de São Paulo.
- AVELAR, Juanito. *Adjuntos adnominais preposicionados no português brasileiro*. Campinas, 2006. Tese de Doutorado – IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_. On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese. In: CRISMA, Paola; LONGOBARDI, Giuseppe (orgs.) *Historical syntax and linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009a, 158-175.
- \_\_\_\_\_. The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo (org.) *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009b, 139-160.
- \_\_\_\_\_. “Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro”. *Matraga*, 16, 2009c, 232-252.
- \_\_\_\_\_. “Expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente na fala dos quilombolas de Moquéim”. *Stockholm Review of Latin American Studies*, 8, 2012, 65-82.
- \_\_\_\_\_. “Sobre a emergência das construções de tópico-sujeito no português brasileiro: mudança desencadeada por contato”. In: AVELAR, Juanito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura (eds.) *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015, 127-148.
- \_\_\_\_\_. “Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol”. *Moderna Språk*, 111(2), 2017, 15-44.
- \_\_\_\_\_. Sentenças possessivas e existenciais. In: CYRINO, Sonia; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (orgs.) *História do português brasileiro – Mudança sintática: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, a sair.
- \_\_\_\_\_; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura. Directional complements, existential sentences and locatives in the Afro-Brazilian continuum of Portuguese. In: Álvarez-López, Laura; Gonçalves,

- Perpétua; Avelar, Juanito (eds.) *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam: John Benjamins, a sair.
- \_\_\_\_\_. CYRINO, Sonia. “Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro”. *Linguística – Revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*, 3, 2008, 55-76.
- \_\_\_\_\_; GALVES, Charlotte. Tópico e concordância em português brasileiro e português brasileiro. In: Costa, Armanda; Falé, Isabel; Barbosa, Pilar (orgs.) *Textos Seleccionados: Actas do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 2011, 49-65.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: MOURA, Maria D.; SIBALDO, Marcelo A. (orgs.) *Para a história do português brasileiro*. Maceió: EDUFAL, 2013, 103-132.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. “O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro”. *Linguística – Revista da ALFAL*, 30(2), 2014, 241-288.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. “From Brazilian to European Portuguese: a parameter tree approach”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 58(2), 2016, 237-256.
- BAGNO, Marcos. “O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro”. *Cadernos de Literatura em Tradução*, 16, 2016, 19-31.
- BAXTER, Alan. A concordância de número. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, 270-293.
- BELVIN, Robert; DEN DIKKEN, Marcel. “There”, happens, “to”, “be”, “have”. *Lingua*, 101, 1997, 151-183.
- BENVENISTE, Émile. “Être” and “avoir” dans leurs fonctions linguistiques. In: *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966, 187-207.
- BRANDÃO, Silvia. “Patterns of agreement within the Noun Phrase”. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12(2), 2013, 51-100.
- \_\_\_\_\_; VIEIRA, Silvia R. “Concordância nominal e verbal no português do Brasil e no português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística”. *Papia*, 22(7), 2012a, 7-40.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. “Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português”. *Alfa*, 56(3), 2012b, 1035-1064.
- BUELL, Leston. *Bantu locative applicatives high and low*. Boston, LSA, 2004. Disponível em: <<http://www.fizzylogic.com/users/bulbul/applications/papers/lisa-2004-talk.pdf>>. Acesso em: dez. 2017.
- BYRD, Steven. *Calunga and the legacy of an African Language in Brazil*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2012.
- CALLOU, Dinah. Sobre a história do português no e do Brasil: levantando questões. In: AVELAR, Juanito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura (eds.) *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015, 71-89.
- \_\_\_\_\_; AVELAR, Juanito. “Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil”. *Gragoatá*, 9, 2002, 85-100.
- CARSTENS, Vicky. “Hyperactivity and hyperagreement in Bantu”. *Lingua*, 121, 2011, 721-741.
- CHATELAIN, Heli. *Grammatica elementar do Kimbundo ou língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-89.
- CLEMENTS, J. Clancy. Brazilian Portuguese and the ecology of (post-)colonial Brazil. In: MUFWENE, Salikoko (ed.) *Iberian imperialism and language evolution in Latin America*. Chicago: The University of Chicago Press, 2014, 186-204.
- COSTA, João. “PE e PB: orientação para o discurso importa?”. *Estudos da língua(gem)*, 8, 2010, 123-143.

- DUARTE, Maria E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, 107-128.
- \_\_\_\_\_. *A perda do Princípio 'Evite Pronome' no português brasileiro*. Campinas, 1995. Tese de Doutorado – IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- \_\_\_\_\_; KATO, Mary. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Comunicação apresentada durante o XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Braga/Portugal, 20-22 de setembro de 2008.
- FERREIRA, Marcelo. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Campinas, 2000. Dissertação de Mestrado – IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. *A posição sujeito no português brasileiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- FREEZE, Ray. “Existential and other locatives”. *Language*, 68, 1992, 553-595.
- GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, 387-403.
- \_\_\_\_\_. “Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro”. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 34, 1998, 7-21.
- \_\_\_\_\_. Concordância e origens do português brasileiro. In: SEDRINS, Adeilson et al. (orgs.) *Por amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura*. Maceió: EDUFAL, 2012, 123-149.
- GONÇALVES, Perpétua. *A gênese do português de Moçambique*. Lisboa: INCM, 2010.
- \_\_\_\_\_; CHIMBUTANE, Feliciano. “O papel das línguas Bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais”. *Papia*, 14, 2004, 7-30.
- GONÇALVES, Rita. A preposição *a* no português de S. Tomé. In: Brito, Ana Maria et al. (orgs.) *Textos seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri, 2010, 475-486.
- GUY, Gregory. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspectos phonology, syntax and language history*. Pennsylvania, 1981. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania.
- \_\_\_\_\_. On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. In: *Estudos sobre el Español de América y Linguística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989, 227-245.
- HOLM, John. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, Glenn (org.) *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1987, 406-429.
- \_\_\_\_\_. Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In: D’ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (orgs.) *Actas sobre do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992, 37-66.
- HOLMBERG, Anders; NAYADU, Aarti; SHEEHAN, Michelle. “Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi”. *Studia Linguística*, 63, 2009, 59-97.
- INVERNO, Liliana. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola – Evidence from Dundo (Luanda Norte)*. Coimbra, 2009 – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- JON-AND, Anna. *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde – A concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. Estocolmo, 2011. Tese de Doutorado – Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies, Stockholm University.

- \_\_\_\_\_; AVELAR, Juanito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura. *Contact, variation and change in Angolan Portuguese: the case of existential constructions in Cabinda*. Manuscrito, 2017.
- KAPETULA, José G. K. *Interpretação de sujeitos nulos no português de Angola*. Lisboa, 2016. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Nova de Lisboa.
- KATO, Mary. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary; NEGRÃO, Esmeralda (eds.) *The null subject parameter in Brazilian Portuguese*. Frankfurt: Vervuert – Latino-Americana, 2000, 223-258.
- KAYNE, Richard. “Toward a modular theory of auxiliary selection”. *Studia Linguistica*, 47, 1993, 3-31.
- KEACH, Camillia; ROCHEMONT, Michael. “On the syntax of possessor raising in Swahili”. *Studies in African Linguistics*, 23, 1994, 81-106.
- LIPSKI, John. “Angola e Brasil: vínculos linguísticos afro-lusitanos”. *Veredas*, 9, 2008, 83-98.
- LOBATO, Lucia M. P. “Sobre a questão da influência ameríndia na formação do português do Brasil”. *Revista de Estudos da Linguagem*, 14(2), 2006, 11-48.
- LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, 41-74.
- \_\_\_\_\_. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, Tânia et al. (eds.) *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, 249-274.
- \_\_\_\_\_; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, 101-124.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. RIBEIRO, Ilza. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. SILVA, Jorge A. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, 41-74.
- \_\_\_\_\_; MELLO, Camila. A alternância dativa. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs.) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, 427-455.
- LYONS, John. “A note on possessive, existential, and locative sentences”. *Foundations of Language*, 3, 1967, 390-396.
- MARINS, Juliana. As sentenças existenciais no português brasileiro: ecos da mudança na marcação paramétrica. In: DUARTE, Maria E. L. (org.) *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012, 83-100.
- \_\_\_\_\_. *Ter, Haver e Existir: a representação do sujeito pronominal nas construções existenciais numa perspectiva diacrônica*. Rio de Janeiro, 2013. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MARTEN, Lutz. “Locative inversion in Otjiherero: more on morphosyntactic variation in Bantu”. *ZAS Papers in Linguistics*, 43, 2006, 97-122.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Para a história do português culto e popular brasileiro. In: ALKIMIM, Tânia (org.) *Para a história do português brasileiro – vol. 3*. São Paulo: Humanitas, 2002, 443-464.
- MATTOSO CAMARA JR, Joaquim. Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. In: UCHÔA, Carlos E. F. (ed.) *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972 [1957], 35-46.
- MELLO, Heliana. Africans descendants’ Rural Vernacular Portuguese and its contribution to understanding the development of Brazilian Portuguese. In: MUFWENE, Salikoko (ed.) *Iberian imperialism and language evolution in Latin America*. Chicago: The University of Chicago Press, 2014, 168-187.

- MELO, Elaine A. S. A influência Bantu nas construções de tópico-sujeito: a marcação de posse [DP+DP]. In: *Textos seleccionados – XXIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, 2014, 361-379.
- MINGAS, Amélia. *Interferência do Kimbundu no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras, 2000.
- MODESTO, Marcello. Topic prominence and null subjects. In: BIBERAUER, Theresa. *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, 375-409.
- MOURA, Maria Denilda. *Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz*. Maceió: EDUFAL.
- MUNHOZ, Ana; NAVES, Rozana R. “Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C”. *Signum*, 15(1), 2012, 245-265.
- MUSSA, Alberto. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Rio de Janeiro, 1991. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- NARO, Anthony; SCHERRE, Marta. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NEGRÃO, Esmeralda. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. São Paulo, 1999. Tese de Livre Docência – FFLCH, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_; VIOTTI, Evani. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida M. T. (orgs.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, 179-203.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Contato entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano. *Linguística – Revista da ALFAL*, 30(2), 2014, 289–330.
- NUNES, Jairo. Circumventing  $\phi$ -minimality: on some unorthodox cases of A-movement in Brazilian Portuguese. In: LOPES, Ruth; AVELAR, Juanito; CYRINO, Sonia (eds.) *Romance languages and linguistic theory 12 – Selected papers from the 45<sup>th</sup> Linguistic Symposium on Romance Languages (Campinas, Brazil)*. Amsterdam: John Benjamins, 2017, 159-184.
- \_\_\_\_\_; MARTINS, Ana Maria. Apparent hyper-raising in Brazilian Portuguese: agreement with topics across a finite TP. In: PANAGIOTIDIS, Phoevo (org.) *The complementizer phase: subjects and operators*. Oxford: Oxford University Press, 2010, 143-163.
- OLIVEIRA, Klebson. *Negros e escritas no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. Salvador, 2006. Tese de Doutorado – Universidade Federal da Bahia.
- \_\_\_\_\_; LOBO, Tania. *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- OLIVEIRA, Márcia D.; CAMPOS, Ednalvo; CECIM, Jair F.; LOPES, Francisco J.; SILVA, Raquel A. O conceito de português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: AVELAR, Juanito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura (eds.) *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015, 149-178.
- OLIVEIRA, Marilza. *A preposição A no português moçambicano*. Comunicação apresentada no 53º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos), UFSCar, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/maril010.pdf>>. Acesso em: maio 2017.
- OLIVEIRA, Victor. *A expressão do sujeito no português de Moçambique*. Campinas, 2016. Dissertação de Mestrado – IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- PAGOTTO, Emílio. Crioulo sim, crioulo não: uma agenda de problemas. In: CASTILHO, Ataliba et al. (orgs.) *Português Brasileiro: descrição, história e aquisição*. Campinas: Pontes, 2007, 461-482.

- PETTER, Margarida. O *continuum* afro-brasileiro do português. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Hélder; RIBEIRO, Fernando R. (orgs.) *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, 158-173.
- \_\_\_\_\_. A vitalidade de um léxico de origem africana em Minas Gerais. In: AVELAR, Juanito; ÁLVAREZ-LÓPEZ, Laura (eds.) *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015, 179-190.
- PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- QUEIROZ, Sonia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- QUIALA, Miguel Barroso. *Longoka Kikongo*. Luanda: Mayamba, 2013.
- REINTGS, Chris; LIPTÁK, Anikó. Have = be+P: new evidence for the preposition incorporation analysis. In: Frascarelli, Mara (ed.) *Phases in interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, 107-132.
- RODRIGUES, Cilene. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese. In: Lightfoot, David. (ed.) *Syntactic effects of morphological changes*. Oxford: Oxford University Press, 2002, 160-178.
- SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977 [1950].
- SIMANGO, Silvester R. “Enlarged arguments in Bantu: evidence from Chichewa”. *Lingua*, 117, 2007, 928-949.
- TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, 35-68.
- TONIETTE, Harley. *Concordância com sintagmas não-argumentais no português brasileiro*. Campinas, 2013. Dissertação de Mestrado – IEL, Universidade Estadual de Campinas.
- TORREGO, Esther. Aspect in the prepositional system of Romance. In: Satterfield, Teresa; Tortora, Chistina; Cresti, Diana (eds.) *Current issues in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 2002, 326-346.
- VIEIRA, Sílvia R.; BAZENGA, Aline. “Patterns of third person plural verbal agreement”. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12(2), 7-50.
- VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó – a África no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

---

<sup>1</sup> Para além dos já mencionados, os seguintes trabalhos abordam direta ou indiretamente questões relativas ao embate suscitado pelas hipóteses da deriva e do contato nos estudos históricos sobre o PB: Álvarez-López & Parkvall (2003), Pagotto (2007), Galves (2012), Lucchesi (2012), Avelar & Galves (2013), Avelar (2015) e Bagno (2016), entre outros.

<sup>2</sup> Para uma discussão mais detalhada em torno de aspectos histórico-demográficos relevantes à história social do PB, ver Callou (2015).

<sup>3</sup> Os trabalhos listados a seguir, entre outros, abordam questões relativas à posição de sujeito, enfraquecimento da concordância e parâmetro pro-drop no PB: Duarte (1993, 1995), Galves (1993), Figueiredo Silva (1996), Ferreira (2000), Kato (2000), Rodrigues (2002), Modesto (2008) e Holmberg *et al.* (2009).

<sup>4</sup> A sentença em (2a) é aceitável no PB com sujeito nulo referencial se ocorrer, por exemplo, como uma resposta imediata a perguntas do tipo *O que ele/ela faz?*, com o sujeito nulo sendo interpretado como correferente ao sujeito da oração que constitui a pergunta.

<sup>5</sup> Kapetula (2016) obtém resultados que indicam a manutenção de um sistema pro-drop no PA, mas os dados apresentados pelo autor sugerem que esse sistema não se conforma, em sua totalidade, ao estatuto canonicamente pro-drop de línguas como o PE, o espanhol e o italiano.

---

<sup>6</sup> Os códigos ao final dos exemplos em (3) e (4) indicam os arquivos integrados à amostra de fala de onde os dados foram extraídos.

<sup>7</sup> Juntamente com os dados apresentados em (7) e (18), as sentenças em (9) têm sido incluídos no rol das chamadas construções de tópico-sujeito, tal como proposto em Pontes (1987). Para outros trabalhos sobre essas construções, ver Duarte & Kato (2008), Munhoz & Naves (2012), Toniette (2013), Andrade & Galves (2014), Melo (2016) e Nunes (2017).

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABWwcAL/normas-tcc?part=5>>. Acesso em dez. 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.aluguetemporada.com.br/imovel/p3864823>>. Acesso em dez. 2017.

<sup>10</sup> As glosas junto aos exemplos de outras línguas foram, em sua maioria, traduzidas do inglês para o português e adaptadas a partir do original, com alterações em algumas abreviações indicativas de categorias gramaticais. Essas abreviações estão desdobradas na lista apresentas ao final do capítulo. Os números indicados nas glosas indicam classes nominais ou marcas de concordância com essas classes e seguem as convenções largamente utilizadas na literatura sobre a línguas Bantu.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.neovibe.co.ao/news/details/696c70bc-1f8c-4cbd-a995-1dfe02fe5b83>>. Acesso em dez. 2017.

<sup>12</sup> Disponível em <[http://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2014/11/03/](http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2014/11/03/)>. Acesso em dez. 2017.

<sup>13</sup> Disponível em <<http://www.vidaesaude.org/biologia-vida/como-o-cabelo-realmente-cresce.html>>. Acesso em dez. 2017.

<sup>14</sup> Disponível em <[http://www.clinicaplasticacarioca.com.br/site/index.php?option=com\\_content&view=article&id=69&Itemid=74](http://www.clinicaplasticacarioca.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=69&Itemid=74)>. Acesso em dez. 2017.

<sup>15</sup> Disponível em <<http://vamosfalarde.com.br/7-mitos-e-verdades-que-voce-precisa-saber-sobre-queda-de-um-aviao/>>. Acesso em dez. 2017.

<sup>16</sup> Disponível em <<http://www.pausaparafeminices.com/famosas/as-maquigens-do-sag-awards-2013/>>. Acesso em dez. 2017.

<sup>17</sup> Para argumentos favoráveis ao tratamento do verbo possessivo como resultante de uma base copular, ver os trabalhos de Benveniste (1966), Lyons (1967), Kayne (1993), Belvin & Den Dikken (1997), Torrego (2002) e Reintges & Lipták (2006), entre outros.

<sup>18</sup> Ver Araújo (2013) para um estudo amplo sobre construções existenciais, locativas e possessivas nas línguas Bantu.

<sup>19</sup> No texto original de onde os exemplos em (30) foram extraídos, as frases em quicongo foram apresentadas sem glosa. Qualquer equívoco na configuração dessas glosas é, portanto, de minha inteira responsabilidade.